

Sarney não convence os partidos sobre o líder

Josemar Gonçalves

O presidente José Sarney não conseguiu, ontem, convencer o PMDB e o PFL da necessidade da indicação de um líder do governo no Congresso. Os deputados Ulysses Guimarães e José Lourenço resistiram até à noite à criação do novo cargo. Diante das resistências, Sarney pediu e o deputado Pimenta da Veiga conseguiu adiar de hoje para amanhã a reunião da bancada do PMDB que vai escolher o líder do partido na Câmara. O deputado Carlos Santana passou o dia inteiro ao lado do telefone na expectativa do convite presidencial. Não recebeu qualquer chamada do Planalto. No início da noite, contudo, o deputado Maurílio Ferreira Lima, autor do polêmico requerimento que dá total soberania à Constituinte, informou que Sarney mandou-o falar com Carlos Santana, «o seu representante no Congresso».

O adiamento da reunião da bancada do PMDB desagradou a um dos candidatos, João Hermann, que o considera um «golpe» para tentar evitar a sua vitória. Pimenta da Veiga, depois de receber no Palácio a orientação de Sarney para adiar a reunião, conversou com Ulysses, obtendo a sua concordância e, em seguida, reuniu-se com representantes dos quatro candidatos à liderança do PMDB. Os deputados Domingos Leonelli e Paulo Macarini, representantes de Hermann e de Luiz Henrique, discordaram do adiamento. Depois de muita conversa, Leonelli ficou sozinho na defesa do calendário original.

No domingo, tudo parecia resolvido. O deputado Carlos Santana já se considerava indicado para o cargo. Ontem, pela manhã, começou a reviravolta: o deputado Milton Reis, candidato a líder com o apoio oficial do governador eleito de Minas, Newton Cardoso, e da bancada mineira do PMDB, teve uma audiência com Sarney e protestou contra a indicação de Santana para líder do governo e ameaçou inclusive descarregar seus votos em Luiz Henrique. Era apenas o início de uma poderosa reação.

O deputado Ulysses Guimarães, numa conversa inconclusiva, deixou transparecer a Sarney a sua insatisfação com a desvinculação das lideranças do governo e do PMDB. Sarney prometeu não tomar qualquer decisão antes de uma nova conversa entre os dois. Satisfeito, Ulysses, em seu primeiro contato com os repórteres, negou que já houvesse uma definição sobre a questão das lideranças.

Um repórter perguntou se Sarney tinha recuado. Ulysses



respondeu: «Não recuou, porque não avançou. A decisão está apenas nos jornais. Vocês hão de reconhecer que tenho alguma informação».

A versão que circulava entre os parlamentares é de que Sarney recuara. A candidatura de Carlos Santana parecia ser a principal vítima da reviravolta. O representante de Santana nas negociações preparatórias da reunião da bancada, deputado Juthay Júnior, preocupado com a repercussão negativa, desabafou: «Se nada acontecer de novo até o final da tarde, vou sugerir a Santana que desista da candidatura».

Pimenta da Veiga, ao retornar do Planalto, trouxe o fato novo: o adiamento por 24 horas da reunião da bancada, garantindo um prazo para Sarney tentar contornar as resistências do PMDB e no PFL. O primeiro e mais difícil obstáculo foi enfrentado ontem à noite: Ulysses Guimarães.

Durante toda a tarde, Ulysses recebeu os candidatos, nervosos com as diversas e descontraídas versões que circulavam pelo Congresso. Hermann, por exemplo, questionava uma tentativa de golpe contra a sua candidatura. Três dos quatro candidatos não deixaram, também, de disputar voto a voto junto aos deputados presentes à sessão da Constituinte. Santana, tenso, permanecia em seu gabinete.

Para se ter uma noção da intensidade do corpo-a-corpo, o deputado Geraldo Gonçalves trocou, ontem, o PDS pelo PMDB. Ele dirigiu-se ao gabinete de Ulysses para formalizar a mudança de partido. Milton Reis fez questão de escoltá-lo, mas no caminho Hermann também decidiu acompanhá-lo. E os três entraram juntos na sala de Ulysses.

Amanhã pela manhã, será realizado o debate entre os candidatos à liderança pelo PMDB. À tarde, será feita a votação. Caso nenhum candidato obtenha a maioria absoluta no primeiro escrutínio, será realizado na quinta-feira um segundo turno entre os dois mais votados.

e o Legislativo», que são poderes «independentes, mas que precisam ser harmônicos».

Ao falar da bancada do PFL, o ministro Marco Maciel informou que, no caso do Senado Federal, o partido poderá passar dos atuais 16 para até 20 senadores e defendeu a manutenção da Aliança Democrática.

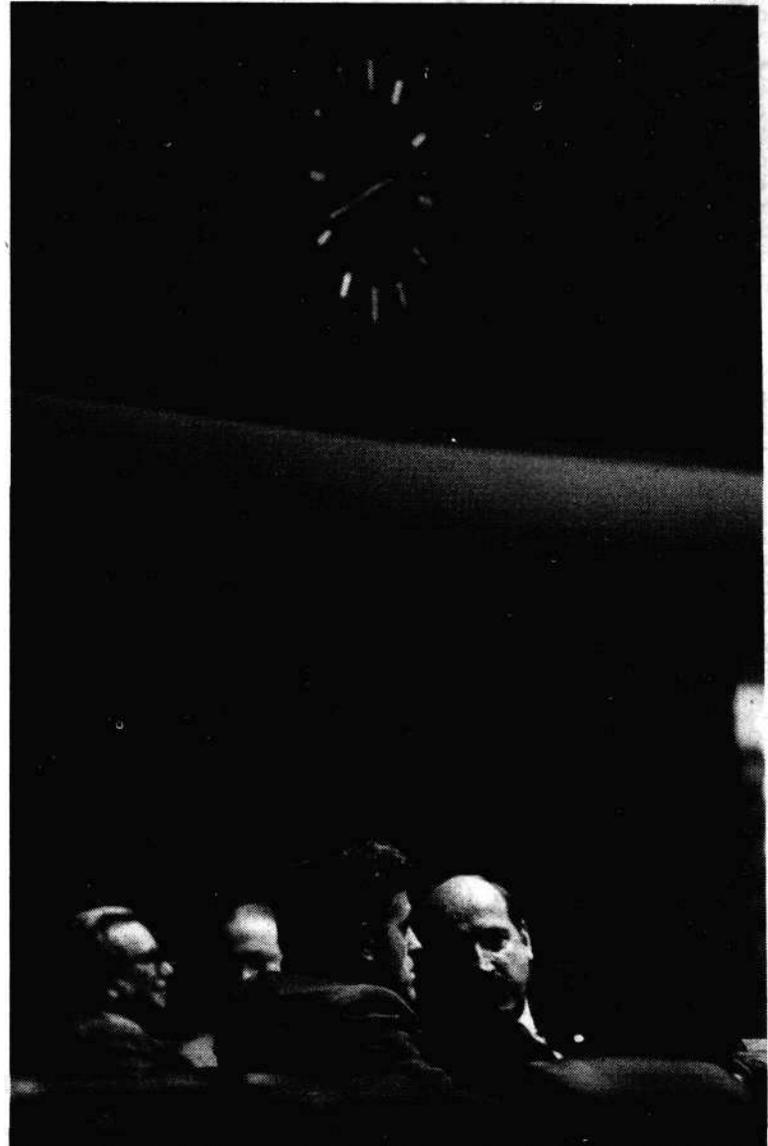
O ministro Maciel defendeu ainda uma mandato de cinco anos para a presidência, mas resguardando o atual mandato de seis anos para o presidente José Sarney. Ele se disse também contrário à tese de reeleição.

Com relação aos governadores que tomam posse no dia 15 de março, Marco Maciel disse que defende a descentralização administrativa e o fortalecimento dos estados e municípios, inclusive a reforma tributária. Ele colocou apenas a observação de que é preciso fazer, antes, uma análise cuidadosa a respeito dos encargos e das receitas.

Sobre a questão dos juros altos, que ele considera grave, o Ministro afirmou que «não é possível viabilizar qualquer atividade econômica» nas condições atuais.

O ministro Marco Maciel defendeu, ainda, a presença do Lobby dentro da Constituinte, considerando-o como «algo inevitável e até certo ponto salutar».

Sobre esta fase inicial da Constituinte, Maciel disse que os parlamentares estão na fase que se poderia chamar de «aquecendo-se para o jogo».



Pimenta levou Luiz Henrique a concordar com o adiamento

Escolha já está definida

Apesar dos esforços de Ulysses Guimarães, Carlos Santana, deputado federal do PMDB da Bahia e ex-ministro da Saúde, foi o escolhido por Sarney para ser líder do governo no Congresso Nacional. Seu nome poderá ser anunciado oficialmente hoje, antes de ser dado início ao processo de escolha de líder da bancada peemedebista, que começa amanhã com um debate entre os quatro candidatos: Santana, João Hermann, Milton Reis e Luís Henrique.

A forma indireta do presidente Sarney informar o Congresso sobre sua escolha ocorreu no final da tarde de ontem, durante a audiência concedida ao deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE). O deputado esteve no Palácio do Planalto para conversar com o presidente da República sobre uma questão que preocupa Sarney (projeto de revisão da Constituição de 67), quando o presidente respondeu: «Procure Carlos Santana para discutir seu projeto», caminho que será seguido hoje pelo parlamentar pernambucano, que admite a ideia de rever sua proposta desde que haja uma fórmula substitutiva semelhante.

Nas últimas 48 horas, Sarney manteve alguns contatos importantes para tomar sua decisão. Ele conversou por telefone com o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães (com quem não pôde se encontrar no domingo porque Ulysses chegou tarde de São Paulo) e ontem conversou com o atual líder do PMDB na Câmara, deputado Pimenta da Veiga. Além disso, em seus contatos, entre eles como o governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira, o presidente da República alinhou as razões de manter um líder no Congresso,

independente do líder que será escolhido pelo PMDB. Mais uma vez, Sarney lembrou que tem necessidade de um porta-voz político, um coordenador junto à Aliança Democrática, que pudesse transitar nos dois partidos que integram a Aliança (PMDB e PFL), com desenvoltura.

A mesma conversa foi mantida com o ministro da Justiça, Paulo Brossard, que depois da audiência com o presidente deixou o gabinete presidencial afirmando: «Os poderes Executivo e Legislativo trabalham com matéria-prima igual, de modo que é natural uma interligação. É uma necessidade funcional e orgânica. Não se trata de necessidade de natureza teórica, mas de natureza prática. E não se pode dizer que isso é uma interferência do Executivo».

A defesa da tese de «liderança do governo» foi também defendida pelo ministro da Administração, Aluizio Alves, que foi recebido pelo presidente Sarney. O ministro acredita que a necessidade do líder ser escolhido decorre de um fato: «Existe dois partidos de sustentação do governo. Se fosse apenas um, o líder do partido seria o líder do governo, mas o fato de existir dois partidos, muda de figura e o presidente precisa de alguém que coordene os dois partidos diferentes».

Quanto ao fato do escolhido ser Carlos Santana, no lugar de Prisco Viana, o motivo, alegado por pessoas ligadas a Sarney é simples. Prisco «não está bem» com a Frente Liberal e não é bem aceito no PMDB, diferente de Carlos Santana, que é respeitado pelos pefelistas, desde Tancredo Neves, e circula com facilidade até na ala esquerda do PMDB».



Santana ficou esperando uma ligação do Planalto